

# Assimetrias na aquisição de diferentes tipos de clíticos em português europeu<sup>1</sup>

Carolina Silva  
Universidade Nova de Lisboa

## Abstract

The goal of this paper is to investigate the behaviour of Portuguese children towards the production of accusative, dative, reflexive and non-argumental clitics. This research permits the comparison between different alternative hypotheses for explaining clitic omission in European Portuguese: in terms of feature checking (*Unique Checking Constraint* hypothesis) or in terms of post-syntactic choices (complexity hypothesis). According to the results, Portuguese children omit clitics and overgeneralize the null object construction. The asymmetries detected between the different clitic types appear to favour a hypothesis of post-syntactic complexity. The study shows a growing tendency in the production of clitics as age increases.

**Keywords:** acquisition, clitics, European Portuguese, omission, null object

**Palavras-chave:** aquisição, clíticos, português europeu, omissão, objecto nulo.

## 1. Introdução

Este estudo teve como finalidade averiguar a aquisição de clíticos acusativos, dativos, reflexos e não-argumentais por crianças portuguesas através de um conjunto de tarefas de produção induzida.

A presente investigação é mais extensiva do que as já realizadas anteriormente para o português europeu (PE). A intenção é, portanto, acrescentar novos elementos às pesquisas que têm sido realizadas acerca da aquisição de clíticos, sobretudo em PE. Por outro lado, procurou-se também compreender melhor as razões pelas quais as crianças portuguesas omitem clíticos. Nesse sentido, a amostra é mais variada em termos etários e no estudo é testado o comportamento das crianças em relação aos vários tipos de clíticos indicados, especificados para todas as pessoas gramaticais e em ambos os números. Tal permitiu a comparação entre diferentes hipóteses alternativas para a explicação do fenómeno de omissão de clíticos em PE.

---

<sup>1</sup> Este estudo está integrado no Projecto “Técnicas Experimentais na Compreensão da Aquisição do Português Europeu”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POCI/LIN/57377/2004).

## 2. Estudos anteriores

Investigações efectuadas anteriormente em outras línguas (Wexler, Gavarró & Torrens, 2003; Tsakali & Wexler, 2003; Babyonyshev & Marin, 2005) descreveram a existência de uma variação inter-lingüística no que diz respeito aos padrões de aquisição de clíticos objecto, estabelecendo uma correlação entre a concordância de participio passado que se revela em certas línguas e a omissão de clíticos em fases iniciais de desenvolvimento linguístico. Segundo estas pesquisas, em línguas como o espanhol, o grego e o romeno, em que não há concordância do participio passado com o objecto, os clíticos não causam problemas, sendo produzidos precocemente. Paralelamente, em línguas como o italiano, o francês e o catalão, em que se manifesta essa concordância do participio passado, os clíticos revelam-se problemáticos, sendo omitidos até aos 3 anos de idade.

Estes autores argumentam que esta correlação é explicada por um princípio de restrição de verificação única de traços sujeito a maturação, a *Unique Checking Constraint* (UCC), que impede, portanto, a verificação de mais do que um traço pelo clítico. Este princípio, fazendo parte da gramática inicial das crianças e concebido como um princípio de desenvolvimento, deixa de ser operativo na gramática do adulto.

A UCC foi proposta originalmente, por Wexler (1998), para explicar os infinitivos raiz ou infinitivos opcionais, que se manifestam em estádios iniciais de aquisição de várias línguas. Estando este princípio de restrição sujeito a maturação, prevê-se que a omissão de clíticos seja abandonada na mesma altura em que acaba a fase de infinitivos raiz, isto é, por volta dos 3 anos de idade.

Esta *Restrição de Verificação Única* de traços surge posteriormente como hipótese explicativa para a omissão dos clíticos na sequência de estudos acerca do comportamento das crianças com clíticos acusativos.

Wexler, Gavarró & Torrens (2003), Tsakali & Wexler (2003) e Babyonyshev & Marin (2005) assumem, afirmando todos basearem-se em Sportiche (1996), que o clítico é gerado numa categoria funcional CIP (Clitic Phrase), encontrando-se co-indexado com uma forma pronominal nula (*pro*) que tem de verificar traço-D, quer em AgrOP quer em CIP. Tal é apresentado no seguinte esquema:

$$(3) [{}_{CIP} [{}_{\text{clítico objecto}}] [{}_{AgrOP} [{}_{AgrO}] [{}_{VP} V [{}_{DP} \text{pro} ]]]]$$

O facto de a categoria *pro* ter de verificar estes dois traços apenas em línguas em que existe concordância de participio passado vai provocar, no processo de aquisição de clíticos, as diferenças interlingüísticas anteriormente referidas.

Esta dupla verificação de traços constituiria uma violação da UCC, resultando na omissão do clítico, em consequência do princípio de *Minimize Violations* (MV), com o qual a UCC actua em conjunto. O MV determina, portanto, quais são as derivações que serão consideradas gramaticais, referindo que a derivação que viola o menor número de princípios gramaticais deve ser escolhida. Assim, o MV permite a selecção da estrutura associada ao menor número de violações ou possibilita opcionalidade no caso de as duas construções tidas em consideração violarem o mesmo número de princípios.

Face à hipótese da UCC, seria previsível que no PE não houvesse omissão de clíticos nos estádios iniciais de aquisição, visto ser uma língua que não exhibe tal concordância:

- (4) a. O Daniel também as tem visitado.  
 b. \*O Daniel também as tem visitadas.

No entanto, estudos efectuados por Costa & Lobo (2006, 2007) e Carmona & Silva (2007) não confirmaram esta previsão, observando que nas crianças portuguesas há omissão de clíticos, que prossegue até mais tarde relativamente às línguas já estudadas em que estes pronomes são omitidos. Costa & Lobo (2006, 2007) testaram clíticos acusativos de 3ª pessoa em crianças dos 2 aos 4 anos, continuando as suas averiguações (Costa & Lobo, 2007) relativamente à elicitação de clíticos reflexos (na 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular) em crianças dos 3 aos 4 anos. Por sua vez, Carmona & Silva (2006) investigaram a produção de clíticos dativos (em todas as pessoas gramaticais de ambos os números) num grupo de crianças dos 3 aos 4 anos.

Costa & Lobo (2006, 2007) sugerem que a natureza da omissão em PE se deve a factores de complexidade do sistema linguístico: a posição variável dos pronomes clíticos (ênclise e próclise) e a disponibilidade de objectos nulos.

Segundo Reinhart (1999), na compreensão a escolha pós-sintáctica entre derivações convergentes pode causar problemas no processamento. Baseando-se nesta autora, Costa & Lobo (2007) explicam que a selecção pós-sintáctica entre múltiplas derivações convergentes pode originar dificuldades de produção, o que reflecte complexidade do sistema: a estrutura com clítico compete com a estrutura com objecto nulo. Pode afirmar-se que esta comparação, entre uma derivação que envolve um clítico e uma derivação com objecto nulo, consiste numa operação de interface, pós-sintáctica, que é condicionada pelo contexto discursivo. Deste modo, espera-se que esta competição entre derivações convergentes implique custos de processamento adicionais para a criança. Estes autores propõem que a omissão de clíticos em contextos em que os objectos nulos são excluídos corresponde a uma sobregeneralização desta construção.

Os investigadores de todos estes trabalhos acerca da omissão de clíticos em PE consideram que os resultados obtidos parecem favorecer a hipótese de complexidade em detrimento da UCC, visto que se pode constatar que, nos casos em que não há alternância com a construção de objecto nulo, as taxas de omissão são significativamente inferiores.

Nestas pesquisas, a variação entre próclise e ênclise não se revelou determinante na produção ou omissão de clíticos em PE.

Tendo testado grupos de crianças portuguesas entre 2 e 4 anos de idade, os autores destes estudos não encontraram indícios de desenvolvimento na aquisição de clíticos.

Costa & Lobo (2008) aplicaram um teste de compreensão de objectos nulos em crianças falantes do PE entre os 3;2 e os 5;10 (sendo a idade média de 4 anos e 4 meses). Os resultados obtidos mostram que as crianças falantes do PE percebem a construção de objecto nulo, embora menos restritivamente do que os adultos, dado que aceitam também objectos nulos em contexto de ilhas (onde estes não são possíveis). Os dados também indicam que as crianças dominam (in)transitividade e interpretam adequadamente os clíticos acusativos. Os investigadores concluem que estes resultados são compatíveis com a hipótese de que a omissão de clíticos em PE consiste numa sobregeneralização de objecto nulo.

### 3. Metodologia

Para a elaboração dos testes, foi tomado como base os estudos experimentais de elicitación de Costa & Lobo (2006, 2007). Estes autores apoiaram-se na experiência de Schaeffer (1997), fazendo uma adaptação ao PE, tendo em vista o controlo dos efeitos de colocação dos clíticos (ênclise e próclise) e a restrição sobre objectos nulos.

Conforme já referido, Costa & Lobo (2006, 2007) averiguaram a produção de clíticos acusativos de 3ª pessoa e de clíticos reflexos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular.

No actual estudo, quer os clíticos acusativos quer os dativos foram testados em todas as pessoas: 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e do plural. Por sua vez, os clíticos reflexos e os não-argumentais não foram elicitados na 2ª pessoa do plural (por não ser produtiva na variedade padrão do PE), tendo sido testadas em todas as restantes pessoas gramaticais.

Neste trabalho, a produção de clíticos acusativos, dativos, reflexos e não argumentais foi testada nas seguintes condições: a) em contextos de ênclise em frases declarativas; b) em contextos de próclise (envolvendo negação e interrogativas); c) em contextos de ilhas (por exemplo, em orações subordinadas adverbiais). Esta última condição destina-se a controlar a diferença entre objecto nulo e omissão<sup>2</sup>, apenas em clíticos acusativos e dativos, visto que os objectos nulos são excluídos em contextos de ilhas fortes na gramática adulta do PE:

- (5) O menino está a chorar porque *\*(os)* partiu.
- (6) A Avó ficou contente quando *\*(lhes)* telefonou.

Neste caso, não é importante testar os pronomes reflexos e os não argumentais em contextos de ilha forte, visto que não alternam livremente com objectos nulos:

- (7) O Tiago ainda não *\*(se)* penteou.
- (8) A Isabel nunca *\*(se)* porta bem na casa dos avós.

Os objectos nulos também são excluídos em contextos de 1ª e 2ª pessoas:

- (9) Não *\*(me)* convidaste para a tua festa.
- (10) Não *\*(te)* convidado para a minha festa.

No entanto, as formas de 1ª e 2ª pessoas dos clíticos acusativos e dativos foram igualmente testadas em contextos de ilhas fortes, de forma a se obter dados comparativos para pessoas gramaticais diferentes e confrontar predições de diferentes hipóteses acerca da omissão de clíticos.

Foram testados dois itens por condição, excepto para o caso da 3ª pessoa do singular e do plural de clíticos acusativos, em que foram elicitados quatro itens por

---

<sup>2</sup> O fenómeno a que se chama “queda de argumento” é também uma hipótese de explicação para a omissão dos clíticos acusativos e dativos, e até dos reflexos (tendo em conta que há quem considere também estes últimos como argumentais). No entanto, nesta investigação essa possibilidade não foi explorada, uma vez que o contexto informacional que foi usado no desenho experimental favorece o uso anafórico de pronomes ou formas nulas e não a queda de argumentos.

condição: dois no género feminino e dois no género masculino. Deste modo temos, no total, 124 itens experimentais.

Costa & Lobo (2006, 2007), nas suas tarefas de elicitación, efectuaram representações feitas com bonecos.

As tarefas de elicitación que foram elaboradas para este trabalho eram de dois tipos. Para testar a 1ª e 2ª pessoas, era feita uma representação com bonecos com os quais a criança interagia. Relativamente à 3ª pessoa, foram utilizados desenhos para avaliar o desempenho das crianças. Todos os desenhos utilizados foram elaborados especificamente para estes testes.

A ordem de aplicação das diferentes tarefas às crianças foi aleatoriamente sorteada.

Mostramos, de seguida, exemplos de testes aplicados. Veja-se o caso da elicitación de um **clítico acusativo**, em **ênclise**, na **1ª pessoa do plural**, em que utilizámos bonecos:

**Experimentador:** O que será que a Avó vai fazer?!

**Avó:** Cheira-me a qualquer coisa... Não sei bem o que é... Vocês puseram perfume? Deixa cá ver... [*A Avó cheira a criança e o Fantoche*]

Hmmm! Vocês cheiram mesmo bem!

**Fantoche:** Estava distraído! Não reparei no que a Avó fez. Como é que ela sabe que nós cheiramos bem?! Diz lá o que a Avó fez?

**RESPOSTA ESPERADA:**

Cheirou-nos.



Outro exemplo de teste, em que se elicit a um **clítico reflexo**, em **próclise**, na **3ª pessoa do plural**, recorrendo-se a desenhos:

**Experimentador (1ª imagem):** Estes três meninos estiveram a jogar futebol na lama e ficaram todos sujos. Mas não faz mal! Cada um deles tem uma toalha na mão.

**Experimentador (2ª imagem):**

[*Apontando para o desenho*]

Este menino usou esta toalha e está agora limpo. Mas estes dois continuam sujos. O que é que eles não fizeram?

**RESPOSTA ESPERADA:**

Não se limparam.



### 3.1. Descrição da amostra

No sentido de verificar a consistência dos testes e para confrontação com as respostas das crianças, os mesmos foram aplicados a um grupo de controlo, constituído por 15 adultos. Este grupo de adultos é homogéneo no que se refere à sua idade (entre os 24 e os 27 anos), todos com o 12º ano, em que 13 deles são licenciados em diversas áreas (Antropologia, Arqueologia, Artes Cinematográficas, Engenharia Informática, História de Arte, Linguística, Medicina Dentária). Para cada um destes adultos, a aplicação dos testes demorou cerca de 2 horas. Nenhum deles sabia, antecipadamente, nem qual era o conteúdo nem qual era a finalidade dos testes.

Adultos	Média de Idades	Sexo feminino	Sexo masculino	Total
[24,0; 27,0[	25 anos e 2 meses	9	6	15

Tabela 1: Caracterização do grupo de controlo quanto ao número de elementos e às idades.

Para a realização deste estudo, foram testadas 73 crianças em idade pré-escolar, dos 3 aos 6 anos e 6 meses, que frequentavam dois infantários da cidade do Barreiro (margem sul do Tejo), situada na área metropolitana de Lisboa.

Tanto o grupo de controlo como o das crianças eram compostos por falantes da variedade padrão do PE.

As diferentes tarefas, aplicadas individualmente às crianças escolhidas, foram gravadas em vídeo e em áudio. Para cada uma delas foram necessárias várias sessões, de modo a serem aplicados todos os 124 testes experimentais. As crianças foram divididas em quatro grupos etários.

Grupo etário	Média de Idades	Sexo feminino	Sexo masculino	Total
[3,0; 4,0[	3 anos e 7 meses	11	4	15
[4,0; 5,0[	4 anos e 5 meses	16	11	27
[5,0; 6,0[	5 anos e 6 meses	9	12	21
[6,0; 6,5[	6 anos e 3 meses	5	5	10
<b>Total</b>	—	41	32	73

Tabela 2: Caracterização da amostra quanto ao número de elementos e às idades.

### 4. Resultados

Após a recolha de todos os dados, procedeu-se ao respectivo tratamento e análise. Tendo em conta os quatro grupos etários de crianças envolvidos e o grupo de controlo, os dados foram ordenados e classificados segundo os diferentes tipos de clíticos, os contextos de eliciação e as pessoas gramaticais.

Quanto às respostas obtidas, foram classificadas segundo as seguintes categorias: **clítico**, **forma nula**, **DP** e **pronome forte**. Na produção dos clíticos acusativos e dativos foram encontrados estes quatro tipos de resposta. Quanto à elicitación dos clíticos reflexos e não-argumentais apenas foram obtidas respostas com clítico ou com forma nula.

As respostas referentes ao grupo de controlo só são apresentadas quando as consideramos imprescindíveis para comparações.

CLÍTICOS ACUSATIVOS					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	167/720 23,20%	605/1296 46,68%	634/1008 62,90%	330/480 68,75%	667/720 92,64%
<b>Forma nula</b>	412/720 57,22%	479/1296 36,96%	204/1008 20,24%	106/480 22,08%	3/720 0,42%
<b>DP</b>	44/720 6,11%	140/1296 10,80%	133/1008 13,19%	30/480 6,25%	50/720 6,94%
<b>Pronome forte</b>	97/720 13,47%	72/1296 5,56%	37/1008 3,67%	14/480 2,92%	0/720 0%

Tabela 3: Dados globais obtidos para clíticos acusativos por grupo etário.

Como se pode observar na tabela 3, à medida que a idade das crianças aumenta, a tendência é para que a produção de clíticos aumente enquanto a produção de formas nulas diminui. Existe mesmo uma correlação forte entre o aumento de clíticos e a diminuição de formas nulas.

CLÍTICOS DATIVOS					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	36/540 6,67%	308/972 31,69%	400/756 52,91%	201/360 55,83%	502/540 92,96%
<b>Forma nula</b>	296/540 54,82%	460/972 47,33%	200/756 26,45%	93/360 25,84%	9/540 1,67%
<b>DP</b>	24/540 4,44%	50/972 5,14%	48/756 6,35%	26/360 7,22%	29/540 5,37%
<b>Pronome forte</b>	184/540 34,07%	154/972 15,84%	108/756 14,29%	40/360 11,11%	0/540 0%

Tabela 4: Dados globais obtidos para clíticos dativos por grupo etário.

Os resultados obtidos, nas crianças, para clíticos acusativos e para clíticos dativos são semelhantes. No entanto, para o caso dos clíticos dativos há claramente uma maior produção de pronomes fortes.

Verificamos que, mesmo no grupo [6,0; 6,5], a produção destes dois tipos de clíticos ainda está bastante distanciada da que é registada nos adultos<sup>3</sup>.

Seguidamente, nas tabelas 5 e 6, apresentamos os resultados referentes à produção de clíticos reflexos e não-argumentais. Como podemos reparar, há um paralelismo nos valores obtidos para estes dois tipos de clíticos, apresentando a mesma tendência.

CLÍTICOS REFLEXOS					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	84/300 28%	365/540 67,59%	337/420 80,24%	172/200 86%	300/300 100%
<b>Forma nula</b>	216/300 72%	175/540 32,41%	83/420 19,76%	28/200 14%	0/300 0%

Tabela 5: Dados globais obtidos para **clíticos reflexos** por grupo etário.

CLÍTICOS NÃO-ARGUMENTAIS					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	97/300 32,33%	365/540 67,59%	339/420 80,71%	175/200 87,50%	296/300 98,67%
<b>Forma nula</b>	203/300 67,67%	175/540 32,41%	81/420 19,29%	25/200 12,50%	4/300 1,33%

Tabela 6: Dados globais obtidos para **clíticos não-argumentais** por grupo etário.

Relativamente às crianças, as taxas de produção, quer de clíticos reflexos quer de clíticos não-argumentais, revelaram-se significativamente superiores às dos clíticos acusativos e dativos (compare-se tabelas 3 e 4 com as tabelas 5 e 6). Deste modo, podemos considerar que as formas clíticas reflexas e não-argumentais são menos omitidas que as não-reflexas.

A correlação existente entre a produção de clíticos e a produção de formas nulas também está presente nos resultados dos clíticos reflexos e não-argumentais.

Nestes casos, a produção das crianças vai aumentando progressivamente e verificamos que no grupo [6,0; 6,5] já não se encontra muito distanciada da dos adultos.

Vejamos como ficaram estabelecidos os resultados referentes aos clíticos acusativos e dativos em ilhas fortes<sup>4</sup> (tabelas 7 e 8). Nestes casos, também apresentamos

<sup>3</sup> Os adultos foram, possivelmente, sensíveis à situação experimental, pois esperar-se-ia que, em contextos em que os clíticos alternam livremente com objectos nulos, a produção destes fosse maior.

<sup>4</sup> O grupo de controlo composto por 15 adultos, em contextos de ilhas fortes, nunca omitiu o complemento, produzindo quase sempre os clíticos acusativos e dativos, observando-se também nas suas respostas DPs (mais frequentes nos pronomes acusativos do que nos dativos). Por este motivo, considerámos que, nestes contextos, a hipótese de eclipse de VP (viável na gramática adulta do PE) não seria uma resposta possível por parte das crianças.



os resultados relativos ao grupo de controlo, em virtude da aceitação por parte das crianças, ao contrário dos adultos (0%), de objectos nulos nestes contextos.

CLÍTICOS ACUSATIVOS EM ILHAS FORTES					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	49/240 20,42%	194/432 44,91%	196/336 58,33%	105/160 65,63%	198/240 82,50%
<b>Forma nula</b>	109/240 45,42%	107/432 24,77%	35/336 10,42%	20/160 12,50%	0/240 0%
<b>DP</b>	38/240 15,83%	107/432 24,77%	92/336 27,38%	28/160 17,50%	42/240 17,50%
<b>Pronome forte</b>	44/240 18,33%	24/432 5,55%	13/336 3,87%	7/160 4,37%	0/240 0%

Tabela 7: Produção de clíticos acusativos em contexto de ilhas fortes por grupo etário.

CLÍTICOS DATIVOS EM ILHAS FORTES					
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]	Grupo de controlo
<b>Clítico</b>	13/180 7,22%	97/324 29,94%	125/252 49,60%	64/120 53,33%	164/180 91,11%
<b>Forma nula</b>	83/180 46,11%	135/324 41,67%	57/252 22,62%	16/120 13,33%	0/180 0%
<b>DP</b>	14/180 7,78%	28/324 8,64%	26/252 10,32%	19/120 15,84%	16/180 8,89%
<b>Pronome forte</b>	70/180 38,89%	64/324 19,75%	44/252 17,46%	21/120 17,50%	0/180 0%

Tabela 8: Produção de clíticos dativos em contexto de ilhas fortes por grupo etário.

Em ilhas fortes, nas respostas das crianças, verificou-se uma taxa significativa de DPs no contexto de clíticos acusativos (tabela 7), enquanto no caso dos clíticos dativos (tabela 8) se constatou uma taxa significativa de pronomes fortes. Como sabemos, também ocorre nos adultos esta substituição do clítico dativo por pronome forte, embora seja considerada marginal. Porém, tal não aconteceu com este grupo de controlo.

Consequentemente, podemos afirmar que as crianças parecem demonstrar ter algum conhecimento relativamente à distribuição de objectos nulos, uma vez que não são legítimos nestes contextos. Contudo, as crianças omitem os clíticos acusativos e os dativos em ilhas fortes. Foram encontradas formas nulas neste contexto em todas as faixas etárias do grupo das crianças, ao contrário do que foi observado nas respostas do grupo de controlo.

A tabela 9 diz respeito à produção de clíticos não-reflexos (acusativos e dativos) quanto à variação da pessoa gramatical, em ambos os números (singular e plural). Os clíticos acusativos e dativos são apresentados em conjunto, em virtude de em ambos os tipos de pronomes se verificar semelhança nas tendências quanto a esta variação.

	CLÍTICOS NÃO-REFLEXOS (ACUSATIVOS E DATIVOS)			
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]
1 <sup>a</sup> p Sing	75/180 41,67%	230/324 70,99%	225/252 89,29%	109/120 90,83%
1 <sup>a</sup> p Plur	21/180 11,67%	145/324 44,75%	162/252 64,29%	101/120 84,17%
2 <sup>a</sup> p Sing	70/180 38,89%	232/324 71,60%	226/252 89,68%	120/120 100%
2 <sup>a</sup> p Plur	8/180 4,44%	139/324 42,90%	154/252 61,11%	74/120 61,67%
3 <sup>a</sup> p Sing	9/270 3,33%	73/486 15,02%	123/378 32,54%	62/180 34,44%
3 <sup>a</sup> p Plur	20/270 7,41%	94/486 19,34%	144/378 38,10%	72/180 40%

Tabela 9: Valores obtidos na produção de clíticos não-reflexos (acusativos e dativos) de acordo com a pessoa gramatical por grupo etário.

A tabela 10 refere-se à produção de clíticos reflexos e não-argumentais relativamente à pessoa gramatical, quer no singular quer no plural. Estes dois tipos de pronomes são considerados conjuntamente devido ao facto de as respectivas taxas de produção serem praticamente equivalentes.

	CLÍTICOS REFLEXOS E NÃO-ARGUMENTAIS			
	[3,0; 4,0]	[4,0; 5,0]	[5,0; 6,0]	[6,0; 6,5]
1 <sup>a</sup> p Sing	39/120 32,50%	166/216 76,85%	153/168 91,07%	73/80 91,25%
1 <sup>a</sup> p Plur	4/120 3,33%	43/216 19,91%	62/168 36,90%	53/80 66,25%
2 <sup>a</sup> p Sing	23/120 19,17%	152/216 70,37%	149/168 88,69%	79/80 98,75%
2 <sup>a</sup> p Plur				
3 <sup>a</sup> p Sing	69/120 57,50%	186/216 86,11%	152/168 90,48%	73/80 91,25%
3 <sup>a</sup> p Plur	46/120 38,33%	183/216 84,72%	160/168 95,24%	69/80 86,25%

Tabela 10: Valores obtidos na produção de clíticos reflexos e não-argumentais de acordo com a pessoa gramatical por grupo etário.

Como se pode observar na tabela 9, verificou-se uma maior taxa de produção de pronomes clíticos não-reflexos (conjunto dos clíticos acusativos e dativos) de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do que de 3<sup>a</sup> pessoa, em todos os grupos etários. Pelo contrário, segundo a tabela 10, quer na produção de clíticos reflexos quer na de não-argumentais, observou-

-se tendencialmente uma maior percentagem de formas clíticas de 3ª pessoa do que de 1ª e 2ª pessoas.

No que se refere à diferença de número, na tabela 9 podemos verificar que, na produção de clíticos não-reflexos, as formas do singular das 1ª e 2ª pessoas são mais produzidas do que as do plural. Por sua vez, nas 3ª pessoas, as formas do plural destes tipos de clíticos são ligeiramente mais produzidas do que as do singular.

Quanto aos clíticos reflexos e não-argumentais, na 1ª pessoa as formas do singular são mais produzidas do que as do plural. Nas 3ª pessoas, as formas do singular são tendencialmente mais produzidas do que as do plural, excepto no grupo [5,0; 6,0].

Apesar de não termos uma clara explicação para estas diferenças relacionadas com especificações de número, as mesmas merecem certamente uma melhor investigação. Poderá haver correlações com diferenças de número na aquisição de outros elementos gramaticais, por exemplo pronomes possessivos, o que pode ser explicado por diferentes complexidades de especificações de traços.

Passamos a apresentar a tabela 11, que diz respeito à comparação das produções de clíticos em contextos em que o objecto nulo não é possível.

CONTEXTOS OBRIGATÓRIOS	GRUPOS ETÁRIOS			
	[3,0; 4,0[	[4,0; 5,0[	[5,0; 6,0[	[6,0; 6,5[
<b>1ª e 2ª pessoas – acusativos (ênclise + próclise)</b>	95/240 <b>39,58%</b>	312/432 <b>72,22%</b>	292/396 <b>86,90%</b>	151/160 <b>94,38%</b>
<b>Clíticos não-argumentais</b>	97/300 <b>32,33%</b>	365/540 <b>67,59%</b>	339/420 <b>80,71%</b>	175/200 <b>87,50%</b>
<b>Clíticos reflexos</b>	84/300 <b>28%</b>	365/540 <b>67,59%</b>	337/420 <b>80,24%</b>	172/200 <b>86%</b>
<b>Ilhas fortes – acusativos</b>	49/240 <b>20,42%</b>	194/432 <b>44,91%</b>	196/336 <b>58,33%</b>	105/160 <b>65,63%</b>
<b>1ª e 2ª pessoas – dativos (ênclise + próclise)</b>	23/240 <b>9,58%</b>	191/432 <b>44,21%</b>	227/336 <b>67,56%</b>	118/160 <b>73,75%</b>
<b>Ilhas fortes – dativos</b>	13/180 <b>7,22%</b>	97/324 <b>29,94%</b>	125/252 <b>49,60%</b>	64/120 <b>53,33%</b>

Tabela 11: Produção de clíticos em contextos obrigatórios por grupo etário.

No que diz respeito aos contextos em que o objecto nulo é excluído, as formas de 1ª e 2ª pessoas dos clíticos acusativos, os clíticos não-argumentais e os clíticos reflexos registam a maior produção em todas as faixas etárias.

Apresentando inicialmente uma produção baixa, os contextos de 1ª e 2ª pessoas dos clíticos dativos recuperam o atraso e ultrapassam os clíticos acusativos em contextos de ilhas a partir dos 5 anos de idade.

As ilhas fortes são o contexto em que a aquisição da obrigatoriedade de produção de clíticos é mais tardia.

## 5. Discussão dos resultados

Os dados recolhidos permitem fornecer mais esclarecimentos sobre a causa da omissão de clíticos em PE, possibilitando a comparação entre diferentes hipóteses alternativas. Assim, poder-se-á verificar se tal se deve à hipótese da UCC (em termos de verificação de traços) ou se, conforme se tem vindo a propor nos estudos de Costa & Lobo (2006, 2007), é motivada pela complexidade do sistema linguístico (em termos de escolhas pós-sintácticas). No entanto, a hipótese da UCC apenas pode ser ponderada para os dados do PE se se tiver em conta que os clíticos possam entrar numa relação de dupla verificação envolvendo traços diferentes (conforme veremos seguidamente) dos originalmente formulados por este princípio.

Consideramos que a elicitación de diferentes tipos de clíticos e o estudo da pessoa gramatical são importantes nesta comparação.

### 5.1. Elicitación de diferentes tipos de clíticos

A UCC prevê que não haja diferenças entre os vários tipos de clíticos, dado que é defensável que qualquer deles (exceptuando, possivelmente, os não-argumentais se se assumir que são gerados no domínio funcional) participe em mais do que uma relação de verificação de traços (Caso e atracção por Infl, de acordo com Duarte & Matos, 2000). Deste modo, esperar-se-ia que houvesse taxas de omissão uniformes para todos os tipos de clíticos considerados. Tal não aconteceu.

Por outro lado, verificámos que a evolução da produção dos clíticos em PE não se efectua entre os 2 e os 3 anos, ao contrário do que acontece em outras línguas e em concordância com a UCC. As crianças portuguesas continuam a omitir clíticos até mais tarde. Assim, a hipótese da UCC para explicar a omissão em PE, mesmo tendo em conta traços diferentes, não pode ser considerada pois estaria em causa a natureza maturacional deste princípio.

Por sua vez, à luz da hipótese da complexidade, aguardar-se-ia que houvesse um maior número de omissões dos clíticos que variam livremente com objecto nulo, uma vez que estes obrigam a escolhas pós-sintácticas entre derivações convergentes. Logo, previa-se que os clíticos reflexos e não-argumentais fossem mais fáceis para as crianças e por conseguinte menos omitidos, visto que não alternam com objectos nulos. Neste estudo verificou-se de facto que, para as crianças, os clíticos reflexos e os não-argumentais revelaram ser menos problemáticos que os clíticos acusativos e dativos, tendo uma taxa de omissão inferior (consultar **tabelas 3, 4, 5 e 6**). Este facto confirma a previsão desta segunda hipótese.

De acordo com os dados recolhidos, podemos afirmar que as crianças portuguesas omitem clíticos. Foram encontradas formas nulas em todos os contextos, nomeadamente em ilhas (em que o objecto nulo não é possível) e com pronomes reflexos e não-argumentais (casos em que também não deveria haver variação com a construção de objecto nulo), para todas as faixas etárias (**tabelas 5, 6, 7 e 8**). Podemos, portanto, considerar que esta omissão em contextos de não alternância com objecto nulo se deve a uma sobregeneralização desta construção, conforme propõem Costa & Lobo (2007).

Fazendo uma leitura dos resultados globais relativos às **tabelas 3 e 4**, podemos afirmar que há alguma diferença, embora não significativa, entre a produção de clíticos acusativos (um melhor desempenho) e dativos. No entanto, as taxas de omissão de formas clíticas acusativas e dativas são comparáveis, sendo de destacar que na condição dativa, contrariamente ao que se passa com a acusativa, há uma nítida produção de pronomes fortes. Deste modo, podemos considerar que, na produção de clíticos dativos, existe competição entre várias derivações convergentes: clítico, objecto nulo e pronome forte. Quanto aos pronomes acusativos, a concorrência é entre clítico e objecto nulo<sup>5</sup>.

Além de termos verificado a ocorrência de formas nulas em ilhas fortes, onde os objectos nulos são excluídos, podemos notar na **tabela 11** que é em ilhas onde se processa mais tardiamente a aquisição da obrigatoriedade de produção de clíticos. Por sua vez, Costa & Lobo (2008) revelam que, em tarefas de compreensão, “as crianças aceitam objectos nulos em ilhas, ao contrário do que acontece na gramática do adulto”. Assim, podemos afirmar que o desempenho das crianças em contextos de ilhas revela que o seu domínio destes contextos não é estável.

Se os objectos nulos são sobregeneralizados em contextos de ilhas, é razoável assumir que na gramática das crianças os objectos nulos correspondam a um pronome nulo *pro* e não a uma variável. As crianças teriam de aprender não só as propriedades específicas das construções de ilhas, mas também os contextos em que *pro* não é permitido na posição de objecto em cada gramática particular (cf. Pérez-Leroux, Pirvulescu & Roberge, 2006, quanto à ideia de que a omissão de clíticos nos estádios iniciais de desenvolvimento linguístico em francês e inglês corresponde a *pro*).

Não se afigura que a variação entre os padrões enclítico e proclítico desempenhe um papel importante na produção ou omissão de clíticos, uma vez que foram encontradas taxas de omissão similares em contextos de ênclise e próclise (em conformidade com a gramática do adulto).

## 5.2. Especificação da pessoa gramatical

De acordo com a UCC, todos os clíticos (à excepção, possivelmente, dos não-argumentais) entram em relações de verificação de traços no domínio funcional. Deste modo, segundo esta hipótese, não se esperariam nas crianças diferenças significativas entre as 3<sup>as</sup> pessoas de clíticos acusativos e dativos e as outras pessoas gramaticais.

Quanto à relevância da distinção da pessoa gramatical, segundo a hipótese da complexidade, esperar-se-ia que fosse crucialmente distinta nos contextos acusativo e dativo, dado que o objecto nulo é legítimo nas 3<sup>as</sup> pessoas nestes contextos. Assim, seria de prever que houvesse maior produção de clíticos de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas (com os quais não há variação com objectos nulos).

De facto, verificou-se uma maior produção de clíticos de 1<sup>a</sup> e de 2<sup>a</sup> pessoas (quer do singular quer do plural) do que de 3<sup>a</sup> pessoa (singular e plural), nas formas clíticas de

<sup>5</sup> Nos dados referentes à produção de clíticos acusativos, apareceram alguns pronomes fortes, mas quase que exclusivamente nas 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas, quer em ilhas quer em frases simples. Contudo, as percentagens de pronomes fortes em contexto de produção de pronomes acusativos são nitidamente inferiores às dos dativos.

acusativo e dativo. Tal já havia sido observado em Carmona & Silva (2007) para os clíticos dativos. Podemos considerar, portanto, que os contextos de 1ª e 2ª pessoas são menos complexos, não havendo variação com objecto nulo (consultar **tabela 9**). Fica, portanto, confirmada a previsão da hipótese de complexidade.

Quanto aos clíticos reflexos e não-argumentais, observou-se tendencialmente nas 3ªs pessoas uma percentagem de formas clíticas superior às das 1ªs e 2ªs pessoas. Esta diferença, mesmo com clíticos que não alternam com objectos nulos, sugere que a marcação de pessoa é um factor crucial na aquisição dos clíticos (**tabela 10**).

Poder-se-ia atribuir, hipoteticamente, esta diferença de produção de pessoa nos contextos de clíticos reflexos e não-argumentais ao estatuto sintáctico de *se*. Por exemplo, Fiéis & Pratas (2005, 2007) consideram não-argumentais todos os clíticos do tipo *se* (ligados à 3ª pessoa), parecendo-nos que estabelecem uma relação entre este estatuto não-argumental e a natureza afixal deste morfema, que afirmam ser inserido pós-sintacticamente. No entanto, esta assunção nunca poderia implicar que se considerasse que os clíticos de 1ª e 2ª pessoas tivessem uma natureza afixal, mesmo quando não são argumentais.

## 6. Conclusões

Há evidência de que os resultados obtidos parecem favorecer a hipótese de complexidade em detrimento da hipótese baseada na UCC. As assimetrias detectadas entre os diferentes tipos de clíticos (acusativos, dativos, reflexos e não-argumentais) levam-nos a considerar que a melhor explicação para a omissão de clíticos para o caso específico do PE recai na hipótese colocada em termos de escolhas pós-sintácticas. Esta prediz uma taxa de omissão superior nos contextos em que os clíticos alternam com o objecto nulo. Por sua vez, a UCC não prediz as assimetrias observadas, visto que para grande parte dos clíticos considerados é defensável que participem em mais do que uma relação de verificação de traços.

O estudo mostra uma nítida tendência para que as crianças aumentem a sua produção de clíticos à medida que aumenta a sua idade. Há uma correlação forte entre o crescimento de clíticos e a diminuição de objectos nulos. Deste modo, considera-se que as crianças tendem a abandonar a sobregeneralização da construção de objecto nulo. No entanto, a sua produção de clíticos conforme mostrámos, mesmo no grupo etário [6,0; 6,5[, ainda não é equivalente à dos adultos.

## Referências

- Babyonyshev, Maria & Stefania Marin (2005). The Acquisition of Object Clitic Constructions in Romanian. In Randall S. Gess & Edward J. Rubín (eds.) *Theoretical and Experimental Approaches to Romance Linguistics*, pp. 21-40.
- Carmona, Jaqueline & Carolina Silva (2007). A aquisição de clíticos dativos em PE: teste piloto. In A. Coutinho & M. Lobo (eds.) *XXII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 199-210.

- Carmona, Jaqueline, João Costa, Maria Lobo & Carolina Silva (no prelo). Omissão de clíticos em português europeu: complexidade pós-sintáctica ou verificação de traços?. *Actas do 7º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem 2006*, Porto Alegre.
- Costa, João & Maria Lobo (2006). A aquisição de clíticos em PE: omissão de clíticos ou objecto nulo?. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 285-293.
- Costa, João & Maria Lobo (2007). Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. In A. Coutinho & M. Lobo (eds.) *XXII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 303-313.
- Costa, João & Maria Lobo (2008). Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão. *Textos Seleccionados, XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Évora.
- Fiéis, Alexandra & Fernanda Pratas (2005). A natureza do clítico de reflexividade do tipo *se*: evidência do Caboverdiano. In Inês Duarte & Isabel Leiria (eds) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 591-603.
- Fiéis, Alexandra & Fernanda Pratas (2007). Reflexivity in Capeverdean: predicate properties and sentence structure. In Magnus Huber & Viveka Velupillai (eds) *Synchronic and Diachronic Perspectives on Contact Languages*. Creole Language Library 32. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 117-128.
- Pérez-Leroux, Ana T., Mihaela Pirvulescu & Yves Roberge (2006). Early Object Omission in Child French and English. In Montreuil, Jean-Pierre and Nishida, Chiyo (eds.) *Selected papers from LSRL 2005. New Perspectives in Romance Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Reinhart, Tanya (1999). The processing cost of reference-set computation: guess patterns in acquisition. *OTS Working Papers in Linguistics*, 99-001-CL/TL, Utrecht University, Utrecht, The Netherlands.
- Silva, Carolina (2008). *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Sportiche, Dominique (1996). Clitic Constructions. In J. Rooryck and L. Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 213-276.
- Tsakali, Vina & Kenneth Wexler (2003). Why children omit clitics in some languages but not in others: new evidence from Greek. Paper presented at *Generative Approaches to Language Acquisition 2003*. Utrecht: Utrecht University.
- Wexler, Kenneth (1998). Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106, pp. 23-79.
- Wexler, Kenneth, Anna Gavarró & Vicent Torrens (2003). Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe e P. Sleeman (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory. Selected Papers from Going Romance 2002*. Amsterdam: John Benjamins.